



UMA DISCUSSÃO SOBRE ALTERIDADE – PARA FALAR DO OUTRO NO DOMÍNIO DA RETÓRICA OPRESSORA DO ATUAL PADRÃO DE ESTÉTICA CORPORAL

Decidi começar este artigo introduzindo um trecho da versão adaptada de Cinderela em Contos de Fada Politicamente Corretos, 1996, de James Finn Garner. O meu objetivo é suscitar um questionamento sobre as análises críticas acerca da disseminação da cultura do culto ao corpo em conformidade com os imperativos de saúde, juventude e beleza nas sociedades ocidentais contemporâneas.

...Cinderela é surpreendida por um sujeito do gênero masculino vestido em um *colant* de lycra roxa, todo trabalhado com miçangas e lantejoulas, usando um chapéu de abas largas enfeitado com plumas e carregando uma varinha de condão rosa coberta de purpurina cuja ponta é adornada com uma estrela prateada. De início, Cinderela pensou que se tratava de uma *Drag Queen*, mas ele foi logo se apresentando: “Olá Cinde, sou sua fada madrinha”. Então, ela percebeu de imediato que o rapaz havia feito uma opção sexual alternativa como ser humano adulto e consciente que era, e que não cabia a ninguém fazer qualquer tipo de comentário irônico sobre o fato. A fada-madrinha-alternativa continuou: “ Você queria ir ao baile, não é, *fofa*? E está disposta a se submeter ao conceito masculino de beleza deixando a concorrência despeitada e morrendo de inveja? Espremer-se em um pretinho básico justíssimo e *curtíssimo*, que embora lhe impeça de sentar com conforto e apertar sua circulação, vai deixá-la MÁ-RÃ-VI-LHO-SA? Comprimir os pés num salto agulha altíssimo, que vai arruinar sua estrutura óssea e transformar sua coluna em uma sanfona, mas em compensação a tornará ainda mais sexy e *glamourosa*? Pintar seu rosto com produtos químicos que apesar de serem agressivos à pele - é válido chamar atenção que não há um consenso na comunidade médica sobre esse assunto- tem o poder de camuflar aquelas pequenas imperfeições, tornando-a divina? Fazer uma lipo, ficar toda roxa e dolorida para tirar essa gordurinha indesejável da cintura e acabar com essa barriguinha, deixando-a, assim, com um tremendo *corpaço*? E também colocar um pouco de silicone nesses peitinhos para torná-los dois melões voluptuosos que enlouquecem qualquer *bofê*? A cada pergunta, ela pisca ligeiramente os olhinhos e responde rapidamente: “Sim, sim, sim; é claro que quero”. Sua fada-madrinha-consciente e assumida respirou fundo e, com seus poderes mágicos, a envolveu em uma linda luz brilhante e a transportou, então, para o Palácio Real (p.49).

Tendo em vista o enredo de tal narrativa, pretendo, assim como vem fazendo Portinari (xxxx), problematizar as freqüentes reflexões acadêmicas referentes ao atual padrão de estética vigente. Isto é, proponho-me a examinar as observações focadas na concepção de uma ditadura estética cujo imenso poder é visto como oprimindo e aniquilando qualquer possibilidade de autonomia individual. Portanto, o tratamento que dou a essa tipo análise enquanto uma versão contemporânea de controle social instituído pela indústria da beleza, vai se configurar sob a óptica de um “Outro” que ameaça os sujeitos. Pois, de acordo com essa visão as “imagens visuais são manipuladas por um sistema de produção que, por um lado aumenta enormemente a possibilidade de controle sobre a economia e por outro, reduz aguçadamente o poder dos indivíduos sobre as suas próprias vidas” (Malossi, 2000, p.30).

Aqui, o “Outro”, é considerado um verdadeiro monstro cuja perversidade reside na idealização da juventude eterna sob a égide de uma cultura hedonista levada às últimas conseqüências. Impõe, assim, a necessidade de corresponder a esse modelo, já que velhice e obesidade são, mais do que pecado, motivos de estigmatização” (Wolf, 1992, p.20) Nesse discurso, o prazer do “Outro” se consagra através da conquista de um corpo admirado, desejado e invejado. “Ao assumí-lo como flexível e indeterminado, as empresas de produtos voltados para a estética aprendem a controlar os sinais que geram essa metamorfose do físico” (Malossi, 2000, p.30).

Desse modo, há uma radicalização sobre a percepção que se tem das próprias formas, tornando-as autônomas e dissociadas do todo, ou seja, algo completamente estranho. Esse é um processo que visa abrir espaço para que o “Outro” consiga se instaurar e, por conseguinte, coabitar em nós. Porque segundo Malossi (2000, p.30) a imagem precisa ser facilmente decifrada, manipulada e capturada a fim de que possa ser usada de diferentes maneiras e nos mais variados contextos. Esse “Outro”, então, precisa ser desmascarado. E seus interlocutores encontram como porta vozes os veículos de comunicação cujas reportagens e matérias se encarregam de denunciar a obsessão e os riscos dos massacrantes rituais de beleza impostos pelo “Outro”.

Abordar a disseminação dos “novos” rituais de valorização e transformação do corpo enquanto uma prova testemunhal do “Outro” como normalizador de modelos, é um tanto contraditório à medida que cria mais um estereótipo gerador de novos enquadramentos e aprisionamentos. Em outras palavras, uma pesquisa acadêmica centrada no modo como o “Outro” se utiliza da mídia para manipular imagens que minam a singularização dos sujeitos produz, no máximo, material político de conteúdo planfetério propagador de uma rejeição à estética. Ou seja, transforma-se em algo no qual ousa denominar, se me permitem, de “estetafobia” ou se preferirem “belofobia”. Esse mesmo discurso também pode, no mínimo, ser visto sob a luz da inocência do romantismo moderno, que se caracteriza mediante a violenta reação contra um “Outro” que emprega estratégias de modelagem do corpo contrárias à beleza natural das formas. Portanto, uma atitude deveras preocupante, já que a construção da aparência vem se tornando crucial para um número cada vez maior de homens e mulheres.

É lícito afirmar que a linha dos trabalhos apresentada nesse artigo possui fortes indícios de características as quais se assemelham, em muito, às de um julgamento. Tem-se a impressão de que a produção científica propriamente dita foi deixada de lado em detrimento de idéias pré-concebidas. Não se abre espaço para um novo tipo de olhar. Nessa abordagem, fica de fora

qualquer tipo de perspectiva que tenha por finalidade entender o modo paradoxal como os indivíduos dialogam com o corpo na era da chamada “ditadura da boa forma.”

E justamente para refletir sobre as ambivalências dessa estrutura, onde os atores sociais são muito mais que meros coadjuvantes, recorro à estória da Cinderela retratada pelo autor James Finn Garner. Acredito ser essa a maneira mais eficiente, uma vez que explicita os contextos nos quais as preocupações e motivações com todo o aparato estético se apresentam mais convenientes. Ou seja, a minha preocupação é buscar interpretar tais questões em seus próprios termos e não mais como um marco estabelecido arbitrariamente sob os preceitos de um discurso moralizante. Aqui, “o exercício nos faz mudar o ponto de vista e, assim, alcançar uma nova visão do homem e da sociedade no movimento que nos leva para fora do nosso próprio mundo, mas que acaba por nos trazer para dentro dele” (Da Matta, 1990, p.153).

Portanto, a nossa Cinderela é rica em interpretações. Num primeiro momento, aponta para as abordagens nos moldes do “Outro” que tanto aparecem na academia, como nas matérias publicadas nacionalmente em diferentes mídias. Revela as práticas adotadas por certos segmentos, no caso em particular, a imprensa especializada em plástica e as clínicas cirúrgicas que preconizam extrema facilidade para a conquista de formas perfeitas, à medida que são colocadas como estando ao alcance de todos. Isto é, aqui qualquer um consegue se tornar atraente sem grandes prejuízos, basta querer. Cria-se, assim, a falsa impressão de que se pode recorrer à cirurgia plástica como quem vai às compras ou sai com a finalidade de trocar aquelas mercadorias que não nos caíram tão bem. Esse é um mecanismo importante, já que existem pessoas que certamente se colocam na condição de objeto e, por conseguinte, acabam não tendo muito distanciamento sobre aquilo que lê ou vê. Com isso, comprometem sua percepção crítica e se tornam mais susceptíveis a cair nas armadilhas desse discurso. Um exemplo evidente, como bem ilustra Portinari (XXXX), aparece no enunciado feito pela transexual Agrado no filme espanhol Tudo Sobre Minha Mãe dirigido por Pedro Almodovar e o registro da Feiticeira Joana Prado - maior símbolo sexual brasileiro da atualidade. Agrado chama a atenção para o investimento pessoal que se faz para esculpir um corpo - custo financeiro e dores físicas causadas pelas intervenções cirúrgicas. Já, na fala da Feiticeira Joana Prado, “ O peito é meu. Eu comprei”, a questão é colocada em termos de total facilidade. Basta ter algum dinheiro, ir ao supermercado, pegar o produto na gôndola e sair usando.

Paralelamente, o conto também pode ser observado segundo a óptica de um “Outro” como agente de diferenciação econômica e social, já que para manter o corpo em forma exige-se investimento de tempo e dinheiro. Sendo assim, o “Outro” sob o viés de um corpo trabalhado se torna um ícone de distinção, ou melhor, um símbolo de status para seus portadores

cuja visibilidade se dá através das atividades de definição física, do auxílio dos *personal trainers*, das técnicas de lipoaspiração ou lipoescultura, dos implantes de próteses de silicone nos seios, nas nádegas, nas pernas e nas panturrilhas, das aplicações de botox para atenuar as marcas de expressão na face, dos enxertos para aumentar os lábios, das formas de clareamento da arcada dentária, das técnicas de modelagem do nariz, das dietas propostas por nutricionistas, etc. Nesse contexto, a própria divulgação das cirurgias plásticas, outrora impensável, e as internações provocadas pelos distúrbios ligados à alimentação ganham legitimidade de moda, ao mesmo tempo que passam funcionar como um “Outro” nas condições de elementos demarcadores de classe.

Por outro lado, a narrativa da nossa Cinderela ainda sugere que existe uma ação social e política presente na maneira como os sujeitos atuam nesse quadro onde o “Outro” converge para um ideal esteticamente propagado. Ou seja, esclarece o modo como os referidos sujeitos estabelecem um diálogo com os elementos que de fato constituem esse “Outro”. Mostra de maneira explícita as “forças” concretamente empregadas para se tirar partido dos artifícios de projeção da auto-imagem. Assim, o “Outro” aparece, agora, em tais indivíduos como um movimento consciente em direção ao direito digno e legítimo de melhorar a aparência. O princípio em questão admite, a despeito de ser contrário ao politicamente correto, a existência de algo claramente peculiar à estética que a nossa a nossa sociedade não pode dispensar. Portanto, como o primeiro contato é puramente visual, todo esforço é voltado para estimular o encantamento dos olhos, já que “beleza e atração são, originalmente, atributos do objeto sexual (Freud, 1930, p.102). Dessa forma, não somente o “Outro” motiva a racionalização de todos recursos implicados no processo de favorecimento à obtenção de êxito no ato da sedução e conquista, como evidencia o modo pelo qual prazerosamente se faz uso desse “Outro” enquanto um forte mecanismo rico em possibilidades de silenciar, ou melhor, de minar a concorrência. É o Outro, aqui, escancarando a luta das espécies. Uma luta feia, egoísta e mesquinha, mas que, pelo menos espero eu, vença o melhor, pois “o elemento de verdade por trás disso tudo, elemento que as pessoas estão tão dispostas a repudiar, é que os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas e que, no máximo, podem defender-se quando atacadas; pelo contrário, são criaturas entre cujos dotes instintivos deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade.” (Freud, 1930, p.133).

Lança-se, assim, uma abordagem diferente. É o “Outro” sob um “novo” olhar. É o “Outro” uma faca de dois gumes que revela nitidamente seus paradoxos, contradições e ambivalências. Ao mesmo tempo que sacramenta a perversidade contida em toda idealização cujo registro, não mais que opressor, acredita ser sensato o desejo do impossível, nos aponta como fazer melhor uso dos

artefatos de beleza contidos no universo da aparência para nos ajudar na cristalização das trocas e obtenção das regalias.

Assim, para lidar com esses possíveis fantasmas do “Outro” nos moldes de uma ditadura escravizante, a melhor saída é pela via do humor. Nesse sentido, o conto da Ciderela é fantástico. No momento em que ele ridiculariza os clichês do poder que emana do “Outro” e se insinua por todas as partes e por todos os lados, há uma flexibilização do aparato estético na condição de um “Outro” que oprime e pressiona os indivíduos de forma aguda, tênue ou sutil. Proporciona, assim, um trabalho de deslocamento em conformidade com as perspectivas propostas por Roland Barthes (Barthes, 1989). É um jogo de sátira e denúncia onde a leveza da brincadeira acaba por diluir o processo de idealização estético, levando a um distanciamento e, por conseguinte, à relativização desses próprios padrões.

